

# **CAMINHANDO LEVE SOBRE A TERRA**

**- Uma abordagem budhista às questões verdes**

---

por Yann Lovelock

Tradução: Ricardo Sasaki  
© Edições Nalanda, 2008

Endereço da página onde se encontra este texto:

[http://www.nalanda.org.br/pdf/questoes\\_verdes.pdf](http://www.nalanda.org.br/pdf/questoes_verdes.pdf)

# Caminhando Leve sobre a Terra

- Uma abordagem budhista às questões verdes <sup>1</sup>

por Yann Lovelock

Embora a interdependência de todas as coisas esteja no coração do ensinamento budhista, a ecologia como tal é uma formulação moderna. Se poderia certamente dizer que ela é uma reafirmação muito necessária da visão budhista para os tempos modernos; seria possível concordar com os poetas (entre eles, o próprio Buddha) e afirmar que a verdade se perde nas palavras e, portanto, precisa de uma nova reafirmação de tempos em tempos. Os jovens idealistas com os quais eu costumava me encontrar, e que acabaram fundando a Rede de Budhistas Engajados, não tinham dúvidas de que isso era assim. Mas, de maneira a convencer os budhistas mais tradicionalistas, descobrimos que era primeiro necessário provar a afirmação a partir de fontes tradicionais.

Havia três áreas que precisavam ser consideradas de modo a trazer as pessoas para nossa causa. Primeiro, tínhamos que mostrar, com as palavras do próprio Buddha, que uma visão ecológica está incluída em seu ensinamento. Em segundo lugar, tínhamos que apontar as áreas de treinamento recomendadas pelo Buddha onde nossa preocupação ecológica poderia se colocada em prática. Muitos, ainda, poderiam argumentar que, pelo contrário, o sistema do Buddha era um sistema de crescimento espiritual que nos treina para estarmos longe da identificação com o mundo dos fenômenos. Além disso, precisávamos, então, olhar para similares interpretações do ensinamento dos primeiros budhistas. Se descobríssemos que, de fato, estávamos seguindo as pegadas de outros, então nosso ponto seria provado.

Para começar, então, com as palavras do próprio Buddha, encontramos nos Discursos Graduais:

*“Aquele que tem entendimento e grande sabedoria não pensa em causar danos para si ou para o outro, nem para ambos. Ao*

---

<sup>1</sup> Artigo baseado em uma palestra dada no seminário interreligioso “Caminhando Leve sobre a Terra” realizado em Woodbrooke Quaker Study Centre em Maio de 2003.

*contrário, ele pensa em seu próprio benefício, no dos outros, no de ambos, e no benefício de todo o mundo. Dessa forma, ele demonstra entendimento e grande sabedoria”.*

Aqui, o Buddha começa da posição de considerar toda a vida animada como preciosa em si mesma; a frase “todo o mundo” devendo ser compreendida no sentido mais amplo. Ele aponta, como usual, na direção do ideal para o qual o treinamento deve levar. Algo dessa atitude pode ser vista nos vários dias de gratidão que o Buddha conscientemente dedicou à árvore sob a qual a experiência de sua iluminação teve lugar. Na tradição Zen muita ênfase é dada ao fato de que a maior parte das experiências cardeais do Buddha aconteceu sob árvores - seu nascimento sob uma árvore sala <sup>2</sup>, sua primeira experiência de meditação sob um jambeiro, sua iluminação sob uma árvore bodhi, seu passamento numa mata de salas. Isto significa, para eles, que é preciso estender nosso cuidado para além do reino animal. Por essa razão, a versão zen do voto de buscar o estado de Buddha afirma que se deve continuar no esforço pelo bem-estar de todos os seres até que mesmo as lâminas de grama estejam iluminadas. Isso não precisa ser entendido literalmente, mas, de fato, indica que um seguidor do Caminho vê seu treinamento como um cuidar que abrange todo o mundo.

A reverência pela vida é expressa na primeira regra de treinamento tomada por todos os budistas: abster-se de causar dano a qualquer ser vivo. Isso é ampliado ainda mais na regra monástica que proíbe destruir árvores ou sementes, ou fazer com que elas sejam destruídas. Isso surgiu a partir do entendimento jainista da cadeia da vida, a qual se estende desde o reino mineral, passando pelo vegetal, até o reino animal. No caso dessa proibição, geralmente é entendido que o Buddha não desejava que seus seguidores causassem ofensa àqueles de crenças diferentes. Seu resultado, entretanto, foi uma abordagem mais bem pensada em relação ao ambiente de uma forma geral. Na Tailândia, é verdade, a tintura dos mantos monásticos (na tradição das florestas, pelo menos) costumava ser obtida pela fervura das raízes das árvores de jaca. Entretanto, agora que a existência das florestas tropicais está ameaçada, a prática foi proibida pelas autoridades monásticas. Mesmo uma antiga tradição pode ser revogada quando uma ameaça ao ambiente é percebida.

---

<sup>2</sup> *Shorea robusta*

Uma das chaves da ação ecológica é encontrada no segundo fator do Caminho Óctuplo - o caminho de treinamento budhista. Ele tem sido traduzido como Motivação Correta ou Intenção/Pensamento Correto, e consiste na não-violência (*ahimsa*), compaixão (*karuna*) e renúncia (*nekkhamma*). A renúncia requerida não precisa ser aquela de tomar a vocação monástica. Mesmo se permanecemos como laicos, o treinamento nos pede para sabermos viver com o mínimo. Ansiar por mais é a causa do sofrimento e se esse desejo resulta numa maior ameaça ao planeta, então deveríamos nos lembrar de que é nosso dever não causar dano e ser compassivos. Todas essas coisas estão interconectadas.

Vemos naquilo que foi dito acima que o cuidado com a esfera animada, simplesmente porque todas as coisas são interdependentes, significa o cuidado em nosso manuseamento do inanimado. Isso é reforçado pela terceira das cinco regras de treinamento, a partir da qual nos engajamos em não fazer um mau uso dos sentidos. Tradicionalmente, isso tem sido limitado à esfera sexual; a interpretação do preceito em situações de retiro é a da manutenção da absoluta castidade (*brahmacariya*). Normalmente, o voto é “não fazer mau uso dos sentidos” (*kamesu miccacara*), mantendo em mente o dito do Buddha de que nada estimula os sentidos do homem mais do que a visão, o som, o toque, etc. de uma mulher, e nem os sentidos de uma mulher que aquilo de um homem. Sem dúvida isso é assim, mas esse preceito também é passível de uma interpretação mais abrangente. Cada uma das regras existe para nos treinar em direção a um ideal de conduta. A mera castidade é somente o começo; o total controle de nossos apetites, de nosso desejo sedento, é a finalidade em vista. O terceiro preceito é, portanto, nossa declaração ecológica. Ele nos pede para pegar somente aquilo de que realmente precisamos. Desperdiçar as possibilidades finitas do planeta e, portanto, colocar em risco toda a vida em razão de nossa cobiça egoísta é não apenas uma ação espiritual inconseqüente, mas criminosa.

Por fim, deveríamos manter em mente que o imperador Ashoka, o herói cultural e modelo ideal budhista, certamente interpretou o ensinamento como sendo o de cuidar do ambiente. O seu primeiro Édito na Pedra não apenas proíbe o sacrifício de animais, mas também a matança de animais para refeições em festivais; além disso, o imperador tomou a frente em limitar seu próprio uso de carne com o objetivo de abandoná-lo completamente:

*“Nenhum ser vivo deve ser morto aqui ou oferecido em sacrifício. Nem festivais deveriam ser realizados, pois o Amado-dos-Deuses, o rei Piyadassi, vê muito o que censurar em tais festivais, embora haja alguns que o rei aprove. Antigamente, na cozinha do rei Piyadassi, centenas de animais eram mortos todos os dias para preparar as refeições. Mas agora com a escrita desse Édito do Dhamma, somente três criaturas - dois pavões e um veado - são mortos, e nem sempre o veado o é. E, com o tempo, nem mesmo essas três criaturas serão mortas”.*

No segundo Édito, ele explica que encorajou o cultivo de plantas medicinais para o uso de humanos e animais. Além disso, ele cavou poços e plantou árvores ao longo das estradas para o benefício de ambos.

O quinto Édito também é de digno de menção. Vinte e seis anos após o coroamento do rei, é dito, vários animais foram declarados como protegidos - espécies de pássaros, peixes e animais, *“incluindo todas as criaturas de quatro pés que não sejam nem úteis nem comestíveis. Aquelas cabras, ovelhas e porcas que deram à luz ou que estejam dando leite para os seus filhotes são protegidos, da mesma forma que aqueles filhotes com menos de seis meses de vida. Galos não devem ser castrados<sup>3</sup>, matas que escondem seres vivos não devem ser queimadas, bem como florestas não devem ser queimadas seja sem razão, seja a fim de matar criaturas. Um animal não deve ser dado como alimento para outros”.* Em dias sagrados específicos, o peixe é protegido e não deve ser vendido. Nesses dias, animais não devem ser mortos nas reservas de elefantes e nas reservas de peixe também. Em vários outros, a castração e a marcação com ferro quente são proibidas.

Os Éditos na Pedra parecem não ter muita abrangência em termos de uma visão ecológica, mas, na época, a preocupação do imperador era a aplicação do ensinamento do Buddha ao sistema de governo; seu foco naturalmente seria diferente daquele de um professor religioso. O Édito no Pilar certamente vai mais além, entretanto. Sem dúvida, ele é motivado principalmente pelo princípio budhista de estender a amizade amorosa a todos os seres vivos. Ainda assim, ao proibir a destruição desnecessária das florestas isso tem uma ressonância hoje, agora que as florestas tropicais estão sob ameaça por causa disso, como talvez estavam as áreas selvagens na Índia dos tempos de Ashoka.

---

<sup>3</sup> Era uma prática castrar galos ainda jovens para melhorar a qualidade de sua carne. (N.T.)

A proteção das espécies também tem uma conotação bastante moderna. Ainda mais, não teríamos a recente epidemia da doença da vaca louca se a proibição de não alimentar um animal com outro estivesse em vigor. Nem teríamos o HIV se as pessoas tivessem mais cuidado com aquilo que comem, uma vez que agora parece provável que sua origem foi o hábito de comer macacos carregando a doença.

A lição a ser aprendida é a de que a prática da amizade amorosa universal, baseada como é na visão do Buddha da interdependência de toda a vida, possui sua aplicação ecológica. Ela se opõe aos venenos que minam a seiva da vida – o egoísmo, a cobiça e a má-vontade que repousam na raiz da ameaça ecológica ao planeta. Tendo percebido ou não, Ashoka decretou regulamentos de caráter ecológico com base em seu entendimento do Budhismo. Reconhecendo hoje com a ajuda da ciência aquilo que era evidente ao olho iluminado do Buddha, não podemos mais que nos esforçar contra a devastação irresponsável da vida e de outros recursos, mesmo que seja apenas pela limitação de nosso consumo ao mínimo.

Sendo o último na ordem de apresentação no seminário, no qual este artigo foi apresentado, encoraja-me o fato de que todos os meus colegas de outras fés – judeus, quakers, muçulmanos e sikhs – têm seguido uma metodologia similar. Todos começaram com a abordagem de encontrar a sanção a partir de suas escrituras e da prática tradicional. Naturalmente, novos desenvolvimentos pedem por novas respostas, mas nesse caso o testemunho de todos parece ser o de que eles retornam aos ensinamentos que cessaram de ser enfatizados com o início do materialismo moderno. Nos tempos antigos, quando a limitação dos recursos era um fato assumido, maior cuidado era tomado em conservá-los. Para nosso próprio bem, e para o bem de toda a vida, precisamos reaver tal estado mental, trazendo-o mais uma vez para o topo da prática de todas as fés.

As circunstâncias do seminário apontam para mais uma coisa no futuro. A assim chamada globalização dos negócios parece ser considerada pela maioria das fés como simplesmente a aplicação eficiente da cobiça nos negócios, apresentando-a como uma ideologia competitiva. As fés gastaram tanto tempo de sua história discutindo entre si mesmas que não perceberam, até agora, o quanto são ameaçadas pela organização profissional que o materialismo assumiu. Não é apenas o planeta material que precisamos defender dos

predadores nas circunstâncias presentes, mas o próprio conceito de espiritualidade.

Birmingham, a cidade na qual esse seminário é realizado, é considerada uma das mais cosmopolitas da Europa – e possivelmente do mundo. Ela tem, entre outras coisas, ricos recursos religiosos, tanto humanos como materiais. Se precisamos nos entender, provenientes que somos de diferentes culturas e mantendo a diversidade de pontos de vista, então obviamente precisaremos conversar e aprender uns com os outros. Mas, para além disso, a fim de encontrar um terreno comum, precisamos agir juntos para o benefício do mundo. O seminário deveria, portanto, ser visto apenas como um ponto de partida. Nossa existência continuada pode depender da cooperação em resistir ao que tem sido feito ao planeta que é nosso lar, e em restaurar o dano feito a ele, assumindo isso como sendo uma obra de preocupação e compaixão compartilhada.